

# TIPOLOGIA GEOGRÁFICA DAS FORMAÇÕES PENTECOSTAIS NO BRASIL

*Bruno Gomes de Araújo<sup>1</sup>*

## Resumo

No avanço do pentecostalismo no Brasil no século XX foi possível identificar diferentes dinâmicas territoriais. Neste estudo de caráter propositivo, analisamos as tipologias geográficas das formações pentecostais avaliando o arranjo e a posição estratégica das igrejas pentecostais no território, mediante a apropriação de aportes infraestruturais disponíveis no território brasileiro. Por conseguinte, identificamos e agrupamos diferentes estratégias de crescimento das principais denominações pentecostais do país em distintos períodos, o que resultou numa periodização geográfica do pentecostalismo brasileiro em: Pentecostalismo Zonal, Pentecostalismo Reticular e Pentecostalismo Multiterritorial. A relevância do presente estudo justifica-se no lapso analítico das macrofases expansivas e macropadrões organizativos do pentecostalismo no território brasileiro a partir de conceitos eminentemente geográficos.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo, redes, território.

## *Geographical typology of pentecostal formations in Brazil*

### Abstract

In the advance of Pentecostalism in Brazil in the twentieth century it was possible to identify different territorial dynamics. In this purposive study, we analyze the geographic typologies of Pentecostal formations by assessing the arrangement and strategic position of Pentecostal churches in the territory, through the appropriation of infrastructural contributions available in the Brazilian territory. Therefore, we identified and grouped different growth strategies of the main Pentecostal denominations of the country in different periods, which resulted in a geographical periodization of Brazilian Pentecostalism in: Zonal Pentecostalism, Reticular Pentecostalism and Multiterritorial Pentecostalism. The relevance of the present study is justified in the analytical lapse of the expansive macrophases or organizational macropatterns of Pentecostalism in the Brazilian territory from eminently geographical concepts.

**Keyword:** Pentecostalism, networks, territory.

## Introdução

A produção de tipologias exige a seleção de referenciais que permitam ordenar um conjunto de variáveis e agrupá-las num esquema de análise coerente. Para isto, é necessário qualificar o pentecostalismo enquanto “prática social” e que, portanto, corresponde diretamente a uma “prática espacial” (SOUZA, 2013).

Historicamente, é manifesta a capacidade estratégica de várias igrejas pentecostais de ampliar os limites de suas ações no meio urbano, sempre no interior de um movimento dialógico entre centralidade e marginalidade urbana. Hodiernamente, o pentecostalismo está

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia; Docente da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Pesquisa realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRN/CAPES.

organizado no território em redes de igrejas, mas como veremos adiante, nem sempre prevaleceu essa lógica de crescimento. O arranjo e a posição estratégica das igrejas pentecostais no território são fatores condicionantes para a expansão dessas redes.

A organização geográfica das redes<sup>2</sup> de igrejas pentecostais é bastante heterogênea e parte de variadas estratégias, porém, o objetivo comum a todas é a busca pela superação das barreiras espaciais impostas à ampliação estrutural do seu poder<sup>3</sup>. Considerando essa premissa, é possível identificar fatores explicativos fundamentais de diferenciação territorial do pentecostalismo brasileiro que abrange um conjunto de múltiplas variáveis. Ainda que a rede de igrejas pentecostais seja diversa em sua morfologia e topologia, é possível observar no decurso das formações pentecostais lógicas predominantes de crescimento espacial, inerentes às condições locacionais regionais e macrorregionais do território brasileiro. As estratégias adotadas envolvendo a superação das barreiras espaciais determinaram, por exemplo, a escala das ações dos agentes pentecostais em diferentes níveis territoriais, ainda que sem abandonar a lógica centro-periferia. As estratégias das igrejas pentecostais são marcadas pelo uso de diferentes infraestruturas físicas, que foram decisivas em seus projetos de expansão e distribuição no território.

Uma tipologia geográfica ou espacial das formações pentecostais deve, portanto, destacar conceitos chaves como *território*, *rede* e *zona* se desejarmos entender e agrupar suas diferentes estratégias de crescimento em distintos períodos.

Essa tipologia proposta visa destacar a relevância *interna corporis* dos conceitos geográficos na periodização do pentecostalismo brasileiro, sem, contudo, estabelecer um quadro rígido e fechado de terminologias.

Para isso, identificamos três momentos distintos das estratégias espaciais do pentecostalismo, os quais denominaremos de *Pentecostalismo Zonal*, *Pentecostalismo Reticular* e *Pentecostalismo Multiterritorial*. A caracterização das fases expansivas ou padrões organizativos do pentecostalismo brasileiro a partir de conceitos eminentemente geográficos foi trabalhada também por Rogério Haesbaert (2007), em estudos sobre a dinâmica dos territórios na era da globalização<sup>4</sup>, e é evocada no presente estudo por proporcionar maior precisão conceitual às estratégias territoriais das denominações pentecostais, sejam elas micro, meso ou macroespaciais.

---

<sup>2</sup>Por redes geográficas entendemos “um conjunto de localizações geográficas interconectadas” entre si, “por um certo número de ligações”. (CORRÊA, 1997, p.107).

<sup>3</sup>Há, pois, uma coação da estrutura espacial exercida constantemente no arranjo das novas formas que demarcam a formação social como, por exemplo, o espaço físico, a infraestrutura espacial, a localização e a distância física.

<sup>4</sup>Ver HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

O caráter multifacetado dos grupos pentecostais e a conservação de características dentro de suas variadas ações no território não nos permite anunciar a extinção de uma fase em função da outra. Ao contrário disso, elas coexistem, apenas a lógica anterior perde força e hegemonia para sua sucessora, sendo possível reconhecer sobreposições de escalas no território.

### **Pentecostalismo zonal: a formação das bases territoriais do poder pentecostal**

Face ao pioneirismo e ao incipiente meio técnico vigente no território brasileiro (ferrovias, portos, telégrafos, etc.), a escala das estratégias evangelísticas do pentecostalismo na primeira metade do século XX era predominantemente organizada em zonas evangelísticas no interior das cidades brasileiras.

Estas zonas eram compostas de núcleos de evangelismo, caracterizados basicamente por reuniões domiciliares e cultos públicos, que constituíram-se como *cellula mater* das primeiras igrejas pentecostais, geralmente localizadas em áreas periféricas.<sup>5</sup>

Esse padrão zonal vigorou entre as décadas de 1910 e 1950, quando as primeiras igrejas pentecostais delimitavam campos operatórios em novas residências ou abertura de pequenas igrejas, a partir de centros de comando dos quais partiam as ordens de trabalhos. Alguns desses pontos nodais do processo expansivo das redes de templos pentecostais da primeira fase, com o tempo, se tornariam a base de sistemas administrativos mais complexos e hierarquizados, dotando a territorialidade pentecostal de maior capilaridade.

O início da evangelização da Igreja Congregação Cristã no Brasil (CCB), em 1910, na cidade de São Paulo, ocorre com a demarcação de uma zona de evangelismo no bairro do Retiro. O pioneiro italiano Luigi Francescon, vindo dos EUA, inicia suas primeiras incursões evangelísticas juntamente com membros recém convertidos, demarcando localidades próximas da Praça Estação da Luz<sup>6</sup>, que se tornou na primeira zona de evangelismo pentecostal em território brasileiro.

Destaca-se, pois, nesse período de dinâmicas zonais, as dificuldades de mobilidade do evangelismo pentecostal para conseguir vencer os obstáculos espaciais cristalizados nas

<sup>5</sup>Segundo relatos dos pioneiros assembleianos, essa era a forma de crescimento mais comum da época: "nós começamos imediatamente com cultos públicos em vários lugares nas casas desses irmãos onde os batistas haviam feito cultos." (VIGREN *apud* ARAÚJO, 2007, p. 39).

<sup>6</sup>Conforme Monteiro (2011, p. 132), "durante os dias em que permaneceu em São Paulo ocorreram as primeiras conversões. Um grupo de fiéis foi estruturado e as reuniões começaram a ocorrer em casas particulares nas cercanias da Estação da Luz."

enormes distâncias entre os centros urbanos e os espaços interioranos de população mais dispersa, justificando a opção por centros urbanos relativamente melhor localizados<sup>7</sup>.

A partir dos núcleos de evangelização domiciliares no Bom Retiro, Francescon traça uma nova rota de evangelismo em direção ao estado do Paraná, designando em 20 de abril de 1910 a cidade de Santo Antônio da Platina para formar uma nova zona evangelística, repetindo a estratégia das reuniões domiciliares. Ali se formou um modesto grupo de 20 fiéis, considerado oficialmente pela igreja CCB como sendo o marco da sua fundação em terras brasileiras (ARAÚJO, 2016).

Com o retorno de Francesco à São Paulo em 20 de julho de 1910, após dois meses em Santo Antônio da Platina, tem início uma nova fase de crescimento com a delimitação de novas zonas evangelísticas, principalmente em bairros com forte presença de imigrantes italianos como Barra Funda e Brás.

O bairro do Brás se tornou a zona evangelística de maior êxito no projeto de Luigi Francesco, onde conseguiu atrair membros das igrejas Presbiteriana, Batista, Metodista e Católica através da *boa nova* pentecostal, replicando assim um núcleo evangelístico coeso de 20 pessoas, que logo mais fundaria a primeira igreja pentecostal do Brás, localizada na Rua Uruguaina, a princípio, denominada de Igreja Pentecostal Italiana. Enquanto centro de irradiação da mensagem pentecostal, a Igreja do Brás comandava a abertura de novos templos, sempre em bairros povoados por imigrantes italianos até 1930, entre eles os bairros de Água Branca e Vila Prudente.

A dinâmica zonal no Brás deu força ao crescimento da CCB na cidade de São Paulo, articulando significativos grupos de fiéis entre operários italianos que trabalhavam na nascente indústria paulista, era o pentecostalismo das massas operárias.

A geografia das novas igrejas da CCB na capital paulista revela forte coincidência entre o fenômeno de conversão, formação de grupos de fiéis e localização de novos templos com os bairros de concentração de massas operárias do Brás, Bom Retiro, Água Branca, Lapa, Ipiranga e São Caetano. (MONTEIRO, 2001, p.45),

Paralelamente à CCB, outra denominação iniciavam em 1911 sua expansão por meio de estratégias zonais em diferentes pontos do território, a Assembleia de Deus, que se tornou a principal protagonista do movimento pentecostal nesse período.

---

<sup>7</sup>As dificuldades para efetuar aquela viagem foram enormes, pois além da distância havia a dificuldade de transporte, sem falar do fato de que o missionário não falava português e de encontrar-se com problemas de saúde. Havia só uma estrada de ferro que levava ao sul do Paraná, porém, Santo Antonio da Platina achava-se ao norte e distante mais de 200 quilômetros da estação mais próxima: "parti de São Paulo às 5:30 horas. Cheguei a Salto Grande às 23 horas [...] faltavam fazer cerca de 70 quilômetros a cavalo atravessando matas virgens infestada de jaguares e outras feras existentes no lugar." (FRANCESCON *apud* MONTEIRO, 2001, p. 45).

Cada zona de evangelização pentecostal, por si só, já representava espaços de poder, visto que, a existência de uma autoridade religiosa e de seguidores pressupunha um controle e influência em escala microlocal, revestidos de espaços sagrados pentecostais. O território pentecostal sob a perspectiva de práticas zonais de evangelização é, portanto, um “território-zona”, entendido este como espaços “mais tradicionais, forjados no domínio da lógica zonal, com áreas e limites (“fronteiras”) relativamente bem demarcados e com grupos mais “enraizados”, onde a organização em rede adquire um papel secundário.” (HAESBAERT, 2007, p.306).

Na dinâmica do território-zona o componente *rede* é organizado numa “lógica tridimensional” baseada em pontos, linhas e superfície, mas num panorama cartográfico essa malha não é suficiente para avançar além de pontos e manchas no território. Desta forma, as práticas espaciais intrínsecas ao território-zona aparecem mais estáticas e restritas à escala da experiência cotidiana; onde o lugar, a rua, o quarteirão, o bairro, o distrito ou o setor formam as dimensões possíveis da estratégia zonal (Diagrama 1). A dinâmica zonal aparece, portanto, indissociável de sua condição temporal, ou seja, das possibilidades e usos infraestruturais do período.

A Assembleia de Deus, como dito anteriormente, foi a instituição pentecostal mais significativa no estabelecimento de territórios-zona no período de 1911 a 1940. O início da sua expansão a partir de Belém se deu com a demarcação de zonas evangelísticas na Região Nordeste através do trabalho de missionários no período entre 1914 e 1922<sup>8</sup>. Sobre a expansão de igrejas da Assembleia de Deus nesse período, pontua Araújo (2007, p. 45) que “passados 18 anos do início das Assembleias de Deus no Brasil [...] elas já estavam iniciadas em 20 Estados do Brasil”<sup>9</sup>.

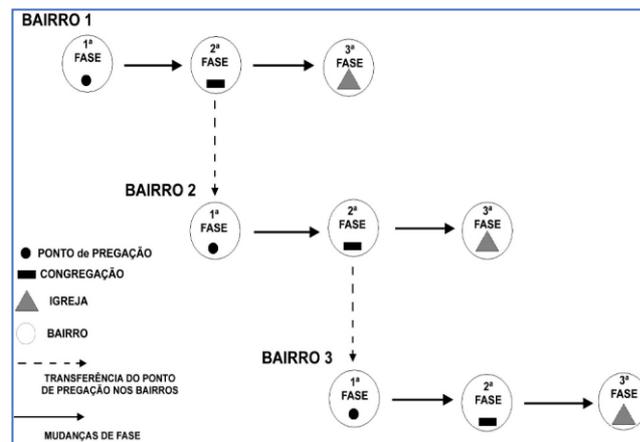
Em 1920 o missionário assembleiano Gunnar Vingren chega às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Com o objetivo de uma prospecção evangelística, realiza culto no bairro de São Cristóvão (RJ). Mas somente em 1923 são estabelecidas as primeiras zonas de evangelismo em São Cristóvão e Niteroi (RJ), e também em Santos (SP).

---

<sup>8</sup>No Nordeste nesse período foram abertas zonas evangelísticas em diferentes cidades, como Uruburetama-CE (Maria de Nazaré, 1914), Maceió-AL (Gunnar Vingren, 1914; Otto Nelson, 1914); Natal-RN (Adriano Nobre, 1918); João Pessoa-PB (Francisco Felix e esposa, 1920); Campina Grande-PB (Manoel Francisco Dudu, 1914; Felipe Nery Fernandes, 1922).

<sup>9</sup>Em 1929, Araújo (2007) contabiliza 21 Igrejas, assim distribuídas macrorregionalmente: 42,86% no Nordeste, 19,05% no Norte, 28,57% no Sudeste, e 9,52% no Sul (não havia nenhuma no Centro-Oeste).

**Diagrama 1 –Dinâmica espacial dos territórios-zona da Assembleia de Deus**



Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

Em 1926 multiplicam-se territórios-zona da Assembleia de Deus pelos subúrbios no Rio de Janeiro, principalmente na região da Central do Brasil. O grande responsável pela coordenação desse crescimento foi Paulo Leivas Macalão, que se tornou pioneiro na evangelização de bairros como Realengo, Bangu, Parada de Lucas, Santa Cruz, Campo Grande, Ilha Grande de Macaé, entre outras localidades cariocas (ARAÚJO, 2007).

Até 1929 o avanço das zonas de evangelização dessa igreja foi mais significativo nas Regiões Norte e Nordeste. No entanto, quando associamos essa expansão às condições de circulação e interação da rede urbana na época - caracterizada pela fraca conexão entre cidades e precária infraestrutura de fluxos -, percebemos que os trabalhos evangelísticos eram afetados diretamente. Esse contexto determinou o ritmo lento da expansão territorial da Assembleia inclusive nas cidades do Norte e Nordeste, estimulando sua difusão missionária em outras regiões do país<sup>10</sup>.

Predominantemente rural, a sociedade nordestina era reduto dos territórios-zona do catolicismo (capelas e paróquias) que monopolizava o cotidiano do sertanejo, sendo inclusive um forte elemento de resistência ao pluralismo religioso nascente.

Mas a partir da década de 1950, o ritmo mais dinâmico das atividades econômicas na Região Sudeste, bem como as facilidades de circulação, transformaria esta região na de maior crescimento do movimento pentecostal brasileiro.

Entre 1930 e 1940 o Sudeste já se apresentava como um campo fértil para profusão interurbana de novas zonas evangelísticas da Assembleia de Deus. Vários são os processos

<sup>10</sup>Segundo Araújo (2007, p. 38), "uns serviam como pastores, outros como doutrinadores, escritores e mestres; época da falta de recursos humanos, técnicos e monetários; época de dezenas de crentes indo a diferentes regiões do país como evangelistas itinerantes, outros trabalhavam também como copastores."

que animavam o contexto regional, entre eles, a cristalização da estrutura centro-periférica do território nacional, potencializada pelo deslocamento do eixo das forças políticas e produtivas sobretudo para o estado de São Paulo, que despontava na vanguarda da cafeicultura e da grande indústria nascente; e a intensa migração nordestina no período<sup>11</sup>.

O desenvolvimento do espaço regional ocorria de forma contígua com o estabelecimento de intenso intercâmbio de fluxos (i)materiais subsidiados por uma ampla integração territorial<sup>12</sup>.

Segundo destaca Araújo (2016), nos anos entre 1920 e 1930 a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus passam a sofrer a concorrência de outras missões pentecostais originadas dentro do país. Outras denominações de menor expressão e alcance regional surgentes no cenário pentecostal nesse período foram a Igreja Adventista da Promessa (em Paulista-PE, 1932); a Igreja de Deus (Cidade desconhecida, 1923); a Assembleia de Cristo (em Mossoró-RN, 1932); a Igreja Calvário Pentecostal (em Catalão-GO, 1935); a Igreja de Cristo Pentecostal do Brasil (em Vila Bela-PE, atual Serra Talhada, 1937); a Missão Evangélica Pentecostal do Brasil (em Manaus, 1939); e a Missão Evangélica do Brasil (no Rio de Janeiro, 1945).

Na década de 1950 igrejas pioneiras do pentecostalismo como a Congregação Cristã do Brasil e Assembleia de Deus já apresentavam uma estrutura mais capilarizada em seus territórios-zona<sup>13</sup>, apresentando uma organização hierárquica formada por centros de comando a nível regional e nacional<sup>14</sup>.

O crescimento do movimento pentecostal no Brasil expressava uma complexidade de interações espaciais resultante da multiplicação de territórios-zona já conectados a igrejas

<sup>11</sup>“O estado de São Paulo começa a atrair migrantes de todo o país, mas sobretudo do Nordeste. Entre 1935 e 1939, 37,5% dos migrantes provinham da Bahia, 23,5% de Minas Gerais, 12,7% de Pernambuco, seguidos pelos estados nordestinos de Alagoas, Ceará e Sergipe. Somente na década de 1930 é que o número de imigrantes brasileiros para São Paulo ultrapassa o de estrangeiros.” (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p. 42).

<sup>12</sup>Conforme Santos e Silveira (2001, p. 38), “O Brasil atinge, em 1940, 108.594 quilômetros. É a região Sudeste - sobretudo Minas Gerais e São Paulo - que apresenta as maiores expansões e representa, no último desses anos, 37,27% do total da rede nacional.”

<sup>13</sup>Em 1945 a Igreja Congregação Cristã do Brasil já apresentava uma rede de 473 igrejas espalhadas em 473 cidades. Neste mesmo período, a Assembleia de Deus já alcançava 1000 Igrejas e 100.000 membros (ARAÚJO, 2007).

<sup>14</sup>Tanto a Assembleia de Deus quanto a Igreja Congregação Cristã do Brasil já apresentavam organismos ultrarregionais que regiam normas estatutárias e doutrinárias como Assembleias Gerais Ordinárias e Convenção Geral.

sedes, formando assim, campos administrativos eclesiásticos regionais bem definidos e ligados a convenções estaduais e nacionais.

A organização do pentecostalismo a partir do início da segunda metade do século XX esboçava uma mudança ao padrão reticular em sua lógica de crescimento no território. O êxito e abrangência geográfica de cada denominação estava condicionado à capacidade de mobilização dos fluxos no território.

O crescimento da rede de templos pentecostais reflete a maior comunicação e circulação<sup>15</sup> entre os espaços de evangelização, assim como também marca a utilização de novas infraestruturas que facilitam a maior fluidez da mensagem evangelística no território, definindo assim uma nova fase na expansão pentecostal no país.

### **Pentecostalismo em rede: a expansão territorial do poder pentecostal**

A caracterização em tela privilegia uma periodização na qual são destacados os referenciais espaciais mais significativos da expansão do pentecostalismo brasileiro. No período de 1910 a 1950, o movimento pentecostal apresentava uma abordagem por assim dizer "clássica", quase sempre inflexível às inovações e transformações em seu corpo doutrinário como em suas estratégias evangelísticas.

O pentecostalismo permanecia inalterado quanto a exploração de novos recursos de difusão territorial evangelística. Mas a década de 1950 vai expressar um pentecostalismo territorialmente mais articulado, como também revelar uma nova dinâmica de crescimento religioso no Brasil. Ao lado dessa nova fase evangelística surge as aspirações mercadológicas no meio evangélico.

A lógica da organização territorial das igrejas pentecostais começa a apresentar as primeiras formas de um sistema reticular, onde em paralelo às estruturas do poder político e econômico, é possível identificar outros níveis de conexões no território, atrelado as ações de grupos pentecostais que já mantinham sob seu controle áreas, pessoas e fluxos, como também fixavam novos pontos de atuação, utilizando-se de estratégias vinculadas aos contextos de

---

<sup>15</sup>"[...] falaremos de "circulação" cada vez que se trate de transferência de seres e de bens *lato sensu*, enquanto reservaremos o termo "comunicação" à transferência da informação. Ainda que, por mais útil que seja, essa distinção pareça ambígua, uma vez que poderá dar a entender que há apenas a circulação ou apenas a comunicação. Na realidade, em todo transporte há circulação e comunicação simultaneamente. Os homens ou os bens que circulam são portadores de uma informação e, assim, comunicam alguma coisa. Da mesma, forma, "a informação comunicada é, ao mesmo tempo, um bem que circula". (RAFFESTIN, 1993, p. 200).

desigualdade regional (intraregionais, intraurbanas, intrametropolitanas) para promover sua influência na sociedade.

Os primórdios da organização reticular ou em rede do movimento pentecostal, iniciado na década de 1950, corresponde ao uso estratégias evangelismo em massa a exemplo das cruzadas evangelísticas, e mediante a gestão integrada na escala regional e nacional de novas filiais. Particularmente no terceiro quartel do século XX, surge o fenômeno do evangelismo de massas, centrado principalmente na transmissão radiofônica nas regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro. Destacam-se, pois, a criação e expansão de canais de comunicação formal <sup>16</sup> que fluem dentro da cadeia de comando das denominações pentecostais.

Na fase reticular pode-se, então, falar de *territórios-rede* do pentecostalismo, uma vez que a sua distribuição territorial apresenta estruturas de conexões bem definidas quando comparadas ao período anterior dos *territórios-zona*, onde a organização territorial esboçava conexões espaciais menos abrangentes, crescimento verticalizado e maior padrão de isolamento entre localizações de sedes e filiais

Cabe então resgatar os aspectos teóricos da concepção de *território-rede* propostos por Haesbaert, onde é evidenciado o caráter predominante das redes no arranjo espacial das instituições:

A verdadeira novidade seria que no território em rede ou território-rede cada polo se define como ponto de entrecruzamento e de comutação de redes múltiplas, nó de densidade numa gigantesca imbricação de fluxos que é a única realidade concreta – mas que é também um desafio à representação e à imaginação (HAESBAERT, 2007, p. 296-297).

O aumento da densidade de nós e fluxos rompe com o padrão de relativo isolamento das igrejas nesse período. A articulação abrangente do poder eclesiástico pentecostal já demonstrava sua força no território. Porquanto, no *território-rede* o controle é produzido através do movimento articulado (a rede), sendo possível manter a conexão entre dois ou mais territórios descontínuos.

---

<sup>16</sup> Trata-se aqui por organização política e normativa as Convenções Estaduais, Convenções Nacionais e Assembleias Gerais Ordinárias como os principais canais de comunicação entre a rede de templos no território.

Em suma, esse novo momento do pentecostalismo mantém correspondência com a intensificação das conexões no território<sup>17</sup>, especialmente da rede urbana, que ao ritmo da dispersão das atividades econômicas tona-se mais articulada e, portanto, mais integrada.

A dinâmica demográfica urbana entre 1940 e 1950 refletia bem esse momento, com a população das cidades crescendo 30% ao ano enquanto a população total brasileira aumentava na média de 24%, sinalizando para décadas subsequentes o fenômeno das aglomerações urbanas. O cenário de integração territorial, de desenvolvimento urbano e crescimento populacional foi altamente favorável para a ampliação do pentecostalismo que se especializava na evangelização em massa nas médias e grandes cidades.

O início das Cruzadas Nacionais de Evangelização na década de 1950 sinaliza o espírito desse novo momento do pentecostalismo brasileiro. A cruzada evangelística foi um modelo evangelístico trazido dos EUA, inspirada nos grandes Movimentos de Cura Divina e Milagres, ligados ao *Revival Meetings* (Reuniões de Avivamento) da década de 1940.

A evangelização em massa iniciada pelas cruzadas foi determinante para que os líderes das novas igrejas criadas pós-década de 1950, viessem a aprimorar as estratégias evangelísticas dentro do ambiente extremamente dinâmico e mutável das cidades brasileiras em expansão. Para isso, o pentecostalismo brasileiro firma passo importante adotando sistemas técnicos de radiodifusão, logrando um maior alcance territorial. O radioevangelismo foi o primeiro momento das redes informacionais pentecostais no território. Nas décadas de 1950 e 60, o sistema básico de radiodifusão estava distribuído nas cidades de mais alta hierarquia e centralidade da rede urbana brasileira.

Portanto, o condicionante dos grandes centros urbanos se impunha ao uso de serviços de informação pelas igrejas pentecostais, colocando em desvantagem os grupos religiosos menos estruturados para a era informacional que se descortinava. Entre as primeiras igrejas pentecostais que adotaram oficialmente a rádio como estratégia evangelística, estava a Igreja O Brasil para Cristo, sediada em São Paulo, com o programa *Voz do Brasil para Cristo*, em 1956; a Igreja do Evangelho Quadrangular, também de São Paulo, como programa *Visita em seu Lar*, em 1960; o Ministério Roberto McAlister<sup>18</sup>, do Rio de Janeiro, com o programa *A*

---

<sup>17</sup>Conforme Santos (2012, p.49), "nenhuma questão pode ser respondida fora da concepção de uma totalidade de estruturas e de uma totalidade de relações. A evolução interna de cada estrutura deve-se principalmente a uma de suas subestruturas, a qual, por seu comportamento, tem um papel de "liderança" sobre a estrutura considerada como um todo. O conjunto de subestruturas que dispõe dessa força de comando – o *núcleo – motor* – é responsável pela evolução do sistema (*conjunto de estruturas*), isto é, é responsável pela evolução da totalidade."

<sup>18</sup>O missionário canadense Roberto McAlister é fundador da Igreja Nova Vida, em 1960, de onde surgiram os principais líderes do movimento neopentecostal, tais como Edir Macedo e R. R. Soares. Conforme destaca

*Voz de Nova Vida*, em 1960; e a Igreja Deus é Amor, outra sediada em São Paulo, com o programa *A voz da Libertação*, em 1964, dentre outras.

Já na década de 1960, os principais centros urbanos da Região Sudeste já dispunham de novos recursos geográficos de distribuição de informações, isto é, sistemas de recepção e envio de sinais por satélite<sup>19</sup>. A exploração desse recurso conferiu uma nova dinâmica no evangelismo pentecostal, permitindo a ampliação territorial e instantânea dos sermões em som e imagem para além das naves dos templos. Desta forma, inspirado nos famosos programas de televangelismo norte-americanos surgidos na famosa “era da igreja eletrônica”, o missionário e criador da Igreja Nova Vida, Robert McAlister, lança em 1965 o programa *Ponto de Contato*, transmitido na antiga TV Rio, com alcance em todo o território fluminense, marcando o início do televangelismo pentecostal brasileiro<sup>20</sup>

Outros programas surgiram nas décadas de 1970 e 80, entre eles *R. R Soares, do missionário* Romildo Ribeiro Soares (Tv Tupi, 1977)<sup>21</sup>; *Renascer*, do pastor Silas Malafaia (Tv Record, 1982) e *Posso Crer no Amanhã*, do apóstolo Miguel Ângelo (Tv Record, 1985).

Segundo o IBGE<sup>22</sup>, entre 1991/2000 a participação dos pentecostais em relação a população total era maior em municípios com taxas de crescimento demográfico acelerado, com média de 13,7% do total de habitantes. As denominações do protestantismo histórico nesse período apresentaram taxas menos expressivas, com médias de 1,1% do total.

O padrão reticular da expansão pentecostal caracteriza-se, portanto, pela sua organização em rede no território, sendo esse arranjo sintetizado na lógica *território-rede*. O que define esse momento, de maneira especial, é o uso e convergência de diferentes tipos de

---

Mariano (1999), a Igreja Nova Vida lança os princípios básicos da teologia neopentecostal, como Guerra ao Diabo, Valorização da Prosperidade Material e Liberação de Usos e Costumes Legalistas.

<sup>19</sup>Ondas de rádio, comunicações via satélite e sistema óptico de transporte constituem as variações técnicas básicas para a transmissão de sinais à distância. No Brasil, esses sistemas foram sendo implantados e aperfeiçoados, respectivamente, desde os anos 60, 80 e 90 do século passado (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p. 346).

<sup>20</sup>A TV Rio foi a primeira emissora de televisão do Brasil a realizar transmissões à longa distância, via Frequência Ultra-Alta (UHF).

<sup>21</sup>O missionário Romildo Ribeiro Soares destaca-se por ter sido o primeiro brasileiro a apresentar um programa de televangelismo.

<sup>22</sup> IBGE. Tendências demográficas no período de 1950/2000. Disponível em <[https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias\\_demograficas/comentarios.pdf](https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias_demograficas/comentarios.pdf)> acesso em: 02 de abril de 2017.

redes, dentre elas, a rede de templos, a rede de distribuição de publicação literária, a rede de radioevangelismo e a rede de televangelismo.

Portanto, o *território-rede* projeta as estratégias religiosas para além da escala microlocal representada pelo confinamento dos *territórios-zona*. De acordo com a tipologia proposta por Souza (2013), as dinâmicas dos processos sociais e das práticas espaciais pentecostais deste período ocorrem principalmente nas escalas *mesolocal*, *macrolocal*, e *regional*. Num panorama cartográfico, seria como reconhecer o *território-rede* em sua densidade e ramificações no nível das aglomerações urbanas metropolitanas e nacionalmente.

No início do século XXI, o aumento na intensidade de fluxos (i)materiais através da conexão de redes-técnicas e solidárias das igrejas pentecostais já demonstrava uma tessitura ainda mais complexa e imbricada, não mais restrita ao campo do sagrado, mas que se estendia à outros domínios principalmente das esferas empresarial e política.

Os *territórios-rede* das igrejas pentecostais demonstram agora não apenas sua ampla capilaridade no território, mas também uma estrutura organizacional que ultrapassava o campo das atividades tipicamente religiosas, chegando à arena do empreendedorismo e da política partidária. A capacidade de mobilizar recursos técnicos levou várias igrejas pentecostais a diversificar a sua feição operacional na sociedade. As igrejas pentecostais apresentam redes de múltiplas articulações que formam um desenho organizacional baseado na tríade *religião-política-empendedorismo*.

O crescimento na horizontalidade dos fluxos ocorre com a interconexão entre *territórios-rede*, interligados através da interação de diferentes sistemas de valores. É nesse sentido, então, que podemos falar de territórios múltiplos ou de multiterritórios, conectados por redes (i)matérias sob as quais circulam bens, pessoas e informações.

Essa nova fase a constituição técnica do território brasileiro se tornou o meio para a manutenção ampliada do poder eclesiástico dos pentecostais nas regiões brasileiras, permitindo a construção de grandes impérios religiosos.

### **O pentecostalismo multiterritorial: a diversificação das estratégias territorial do poder pentecostal**

Como detalhamos no tópico anterior, nas décadas de 1980 e 90 emerge nitidamente um novo *modus operandi* entre as igrejas pentecostais, mas é apenas na década de 2000 que o *território-rede* apresenta esse pentecostalismo territorialmente mais articulado, em que suas redes de evangelização coexistem paralelas às estruturas do poder político e empresarial. Essa fase expansiva do pentecostalismo marcada pela estratégia *multiterritorial*, portanto, é

definida por sistemas territoriais interdependentes formados pela tríade *religião-política-empendedorismo*.

Essa fase *multiterritorial* seria o que muitos cientistas sociais e da religião poderiam associar com o neopentecostalismo, sendo que, geograficamente, o conceito adjunto *neo* pouco tem a dizer.

O aspecto *multiterritorial* das estratégias no pentecostalismo, antes de mais nada, analisa como cada uma das esferas da tríade *religião-política-empendedorismo* interagem entre si para construir uma trama espacial (locacional) própria. É assim que a ciência geográfica discerne o fenômeno religioso dentre os outros campos do conhecimento, reconhecendo-o no conjunto de elementos que se interligam em diferentes níveis escalares, produzindo uma variação lógica das escalas do local ao global e vice-versa. Assim percebido, entendemos que nenhuma questão formulada sobre os arranjos ou ordem dos elementos espaciais deveria ser examinada sem que se considere a ordem *interna corporis* de cada subsistema de elementos, isto é, sua estrutura interna.

Ao considerarmos a categoria *multiterritório* está implícito, portanto, o reconhecimento de múltiplos territórios, e por conseguinte, de múltiplas territorialidades e escalas. A territorialidade<sup>23</sup> é, ao mesmo tempo, processo e resultado da produção do território, e sempre apresenta artifícios diferenciados que determinam sua tessitura específica.

No *multiterritório* as quadrículas do poder, isto é, a topologia de seus limites e fronteiras se tornam ainda mais difíceis de serem definidas<sup>24</sup>. As práticas espaciais, conforme Raffestin (1993), revelam um sistema territorial composto por subconjuntos como *tessitura, malhas e nós*, que por sua vez, lembram o caráter relacional e multidimensional do poder. A *multiterritorialidade* na arena da competitividade religiosa pode ser reconhecida no exercício do poder em diferentes sistemas como igrejas, ministérios, convenções, congressos, cruzadas, projetos sociais e instituições paraeclesiásticas.

No campo empresarial tem-se editoras, gravadoras, emissoras de rádio e de televisão, construtoras, agências de viagens, empresas de serviços telefônicos, internet e TV à cabo, entre outras. E no campo político-partidário os pentecostais são os mais atuantes entre os grupos protestantes, com mandatos legislativos e executivos por distintas filiações

---

<sup>23</sup>A territorialidade seria, segundo Sack (1986, p. 56), “a tentativa de um indivíduo ou grupo (x) para influenciar, afetar, ou controlar de objetos, pessoas e relações (y) no sentido de delimitar e afirmar o controle sobre uma área geográfica.

<sup>24</sup>Conforme Raffestin (1993, p. 150), malhas, nós e redes não são “diretamente observáveis, pois podem pura e simplesmente estar ligados a decisões”.

partidárias; com destaque à Igreja Universal do Reino de Deus que mantém diretamente o controle das indicações e políticas do Partido Republicano Brasileiro (PRB).

É importante destacar que as áreas de controle de várias igrejas pentecostais brasileiras ultrapassam as fronteiras nacionais, principalmente atuantes em países sul-americanos e africanos<sup>25</sup>. No início do século XXI, os sistemas territoriais de várias igrejas pentecostais já apresentavam nitidamente a qualidade de serem *multiterritoriais*, sendo a presença de *territórios-rede* a condição para sua realização.

É importante destacar que a ação *multiterritorial* não é uma qualidade verificada em todas as igrejas pentecostais, no entanto, apresenta-se como atributo das estratégias nas principais igrejas pentecostais brasileiras<sup>26</sup>. A multidimensionalidade do poder pentecostal envolve, portanto, o entrecruzamento de diferentes *territórios-rede* nas esferas do religioso, do político e do empresarial, todos subsumidos a um projeto comum de poder institucional. Esse esquema constitui o sistema territorial do pentecostalismo atual, bem como expressa seu campo operacional no território brasileiro. A geometria do poder pentecostal apresenta hodiernamente a combinação de redes técnicas e informacionais, que estendem suas ações ao âmbito nacional e internacional, superando assim, a resistência da distância e da descontinuidade no espaço.

Nossa análise de clarificação dessa tipologia geográfica culminou na estratégia expansiva *multiterritorial*. Esta portanto evidenciada pela IURD, protagonista do neopentecostalismo brasileiro, tendo como foco a transposição de obstáculos geográficos e a implantação de monopólios religiosos ainda que efêmeros no quadro macrorregional brasileiro. Afinal, as estratégias religiosas mesmo de uma denominação poderosa como a IURD, de uma forma ou outra, acabaram se moldando às características de um país de dimensões continentais e de precárias infraestruturas de integração territorial.

### Considerações finais

As tipologias produzidas pelas Ciências Sociais e mesmo pela Teologia visando a diferenciar as fases do pentecostalismo brasileiro, como a clássica proposta de divisão entre *Pentecostalismo Clássico*, *Deuteropentecostalismo* e *Neopentecostalismo*, demonstram a

---

<sup>25</sup>Em especial no âmbito dos Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP).

<sup>26</sup>Entre elas, temos as Assembleias de Deus (GDADB e Madureira), a Universal do Reino de Deus, a Renascer em Cristo, a Evangelho Quadrangular, a Mundial do Poder de Deus, a Internacional da Graça de Deus, a Sara Nossa Terra.

heterogeneidade organizacional do pentecostalismo. Entretanto, essas tipologias consideram essencialmente os aspectos ideológicos das diferentes correntes teológicas e o perfil socioeconômico da membresia pentecostal, deixando, portanto, uma lacuna para desvelarmos a complexa *trama locacional* no processo de expansão e consolidação do pentecostalismo no território nacional, caso das diferentes configurações macrorregionais observadas ao longo do tempo e que exigem uma análise espacial das práticas espaciais dessas igrejas.

Assim, desenvolvemos uma tipologia geográfica das formações pentecostais tendo como parâmetro a evolução dos métodos de evangelismo de suas principais igrejas. Nessa perspectiva, esses métodos de evangelização são vistos essencialmente como *prática espacial* no meio urbano, tendo como reflexo uma territorialização diferenciada da Igreja Universal dentro do movimento pentecostal.

A análise tipológica do pentecostalismo em geral nos levou a identificar a evolução espacial do movimento marcado pela relação *centro-periferia*, isto é, um percurso expansivo de igrejas que iniciaram suas ações em áreas periféricas para depois conquistar os espaços centrais das cidades brasileiras. Dessa forma, a caracterização dos distintos padrões organizativos, resultou na proposta de periodização da territorialização do pentecostalismo em *Pentecostalismo Zonal*, *Pentecostalismo Reticular* e *Pentecostalismo Multiterritorial*. A fase inicial do movimento pentecostal foi marcada por reuniões domiciliares, cultos em locais públicos e pequenas igrejas de bairro como *cellula mater* dos grandes ministérios pentecostais. As ações do movimento pentecostal são, então, marcadamente zonais a partir desses núcleos de evangelismos predominantemente periféricos, dinâmica essa vigorada entre as décadas de 1910 e 1950.

O crescimento e a pulverização de igrejas pentecostais através da interligação ministerial entre igrejas sedes e filiais, e o uso de métodos de evangelismo em massa como organização de grandes cruzadas e rádio e televangelismo, imprimiu num novo ritmo de crescimento no pentecostalismo na segunda metade do século XX, onde foi possível identificar outros níveis de conexões do pentecostalismo controlando áreas, pessoas e fluxos formando, assim, territórios-rede, o que justificou a utilização da tipologia do *Pentecostalismo em Rede*. A peculiaridade da dinâmica evolutiva da Igreja Universal do Reino de Deus com a formação de variados sistemas de poder interdependentes e fundamentados na tríade *religião-política-empendedorismo*, sob a liderança unificada do bispo Edir Macedo. Esse momento inaugurou o que reconhecemos como fase *Multiterritorial do Pentecostalismo* na década de 2000.

Nessa fase multiterritorial o pentecostalismo apresentou uma territorialização mais complexa, atuando não somente no campo religioso, mas também na estruturação de redes político-partidárias e empresariais de forma a ampliar, assim, o campo operacional de suas

estratégias, se fortalecendo não simplesmente como uma denominação religiosa, mas também enquanto um sistema de poder constituído por diferentes tessituras no território.

A apresentação da tipologia geográfica das formações pentecostais teve como propósito reconhecer a evolução das expressões territoriais do movimento e, assim, aprimorar os instrumentos teórico-metodológicos da tese para explicar a complexidade que envolve a expansão do sistema de poder iurdiano no contexto do desenvolvimento da integração das macrorregiões brasileiras completada na década de 1980, com a ampliação das infraestruturas de circulação e de telecomunicações no território.

As novas dinâmicas demográficas e produtivas estimuladas pela ampliação diferencial das infraestruturas de circulação e comunicação nas macrorregiões brasileiras tem representado condições geográficas ideais para a execução das estratégias da IURD, principalmente aquelas objetivadas ao controle de fluxos da informação evangelística, elemento aglutinador da estratégia de expansão da multiterritorialidade da IURD no território brasileiro.

## Referências

- ARAÚJO, Israel de. **História do movimento pentecostal do Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- CORRÊA, Roberto L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- HAESBAERT, R. **O Mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- MONTEIRO, Y. N. **Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário, a trajetória de uma igreja brasileira**. Estudos de Religião (IMS), v. 39, 2011, pp. 122-163.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: EDUSP, 2012.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e Sociedade no início do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001a, 473 p.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

**Recebido em 25/11/2019.**  
**Publicado em 01/01/2020.**